

CRAVEIRINHA, JOSÉ

(José João Craveirinha) («Mário Vieira», «J. C.»
«J. Cravo», «José Cravo»)

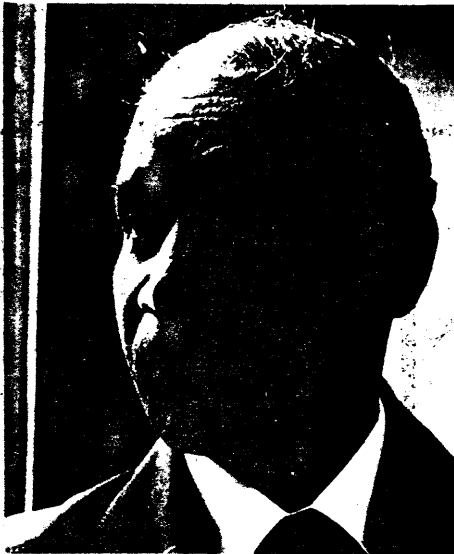


Figura tutelar da poesia moçambicana, Craveirinha não exige apresentação. O mais divulgado poeta de Moçambique é homem de poucas falas e em raros momentos fala de si. No entanto, aconteceu. Em Janeiro de 1977, Algures, quando o poeta se «abriu» em monólogo auto-biográfico. Ei-lo:

«Nasci a primeira vez em 28 de Maio de 1922. Isto num domingo. Chamaram-me Sontinho, diminutivo de Sonto. Pela parte de minha mãe, claro. Por parte de meu pai fiquei José. Aonde? Na Avenida do Zixaxa entre o Alto-Maé e como quem vai para o Xipamanine. Bairros de quem? Bairros de pobres.

Nasci ainda mais uma vez no jornal «O Brado» cobrir que era mulato...

A seguir fui nascendo à medida das circunstâncias impostas pelos outros. Quando o meu pai foi de vez tive outro pai: o seu irmão.

E a partir de cada nascimento eu tinha a felicidade de ver um problema a menos e um dilema a mais. Por isso, muito cedo, a terra natal em termos de Pátria e de opção. Quando a minha mãe foi de vez, outra mãe: Moçambique.

A opção por causa do meu pai branco e da minha mãe negra.

Nasci ainda mais uma vez no jornal «O Brado Africano». No mesmo em que também nasceram Rui de Noronha e Noémia de Sousa.

Muito desporto marcou-me o corpo e o espírito. Esforço, competição, vitória e derrota, sacrifício até à exaustão. Temperado por tudo isso.

Talvez por causa do meu pai, mais agnóstico do que ateu. Talvez por causa do meu pai encontrando no Amor a sublimação de tudo. Mesmo da Pátria. Qu'antes: principalmente da Pátria. Por causa de minha mãe só resignação.

Uma luta incessante comigo próprio. Auto-didacta. Minha grande aventura: ser pai. Depois eu casado. Mas casado quando quis. E como quis.

Escrever poemas, o meu refúgio, o meu País também. Uma necessidade angustiada de ser cidadão desse País, muitas vezes altas horas da noite.»

Para além de uma vasta obra que o consagrou como poeta, existe d'ssemiinada pe'a imprensa moçambicana, com destaque para o jornal «O BRADO AFRICANO». Uma abundante colaboração ensaística e jornalística de José Craveirinha. Esta faceta da sua actividade literária aqui fica registada.

(...) É necessário levantar aqui a questão do folclore. Levantá-la em termos de coisa séria e não episodicamente excêntrica. É que muita gente há que automaticamente associa folclore com uma dúzia de negros de tanga a pular ao som cavo de tambores. Associação feita através de muitos anos de costumes aplicados a valores locais por efeito de deslocação do eixo tradicional de conceitos sociais, tornou-se ideia acete comumente, muito embora não correspondendo a uma realidade sociológica.

No entanto, a importância do folclore é hoje unanimemente tão reconhecida no mundo que o progresso técnico-científico não exclui a preservação e o respeito pelos usos e costumes de cada comunidade. É aqui que cabe definir os termos civilização e cultura, não confundindo amíde o que é manifestação de progresso técnico-científico (civilização) com o que é fenómeno ancestral de regras sociais (cultura). Por isso se realizam cada vez mais congressos internacionais de folclore em países de consagrada civilização moderna.

Ora, a ignorância ou a negação destas verdades conduz muitos indivíduos moçambicanos a representar tristes papéis de moluscos na sua própria terra. É o caso de uma grande parte de mestiços, muitos até de mãe negra, que procuram manifestar

sempre que as circunstâncias se proporcionam, uma espécie de superioridade desdenhosa por aspectos de tradição moçambicana como seja a culinária, música, dança e línguas regionais, crentes de que é assim que afastam de sobre eles a maldição de serem apodados de boçais.

Têm eles tais factos como desprimorosos e atentatórios da sua dignidade de cidadãos evoluídos, o que é, afina, de uma aivar confusão.

Tal posição significa uma muito lamentável despersonalização, fruto de uma concepção errada do que cada um vale em relação à sua terra natal. (...)

José Craveirinha
«A MARRABENTA, OS MOÇAMBICANOS E O VALOR DO FOLCLORE»
local e data de publicação não localizados

FRUSTRAÇÃO

Cecília
sobre nós
e a música do quarteto
permanecem vivas as coisas.
Inconsequente
o dúctil gesto desenha
um adeus
e doce o sorriso trai
o momento frustre.
Tudo
traz a marca das intravessadas paredes
e ave súplice bate
contra o muro da vidraça
e faz o voo
novo e belo das suas asas.
Um solo da bateria
modela os passos na insinuação do ritmo
e na noite
a simétrica moldura
das mútuas fronteiras de vidro
esfria o teu sorriso
Cecília

(inédito)
José Craveirinha
(in «A Voz de Moçambique», N.º 106, 8/2/63)

Obs.: Este poema, tal como muita da produção poética de José Craveirinha, não foi incluído em nenhum dos livros do autor.

RECTIFICAÇÃO: Na Ficha de Leitura dedicada a Fonseca Amaral e publicada na edição de 7 de Setembro último, referimos-nos incorrectamente à data de nascimento do autor, com o sendo 6/3/38, quando na verdade é 6/3/28. Pelo erro involuntário, pedimos desculpas aos nossos leitores.